

MARCOS RIBEIRO



Para consultoria, palestras, cursos online ou presenciais a respeito desse livro, ou encontro com o autor, é **SÓ ENTRAR EM CONTATO:**

Site: www.marcosribeiro.com.br

E-mail: marcosribeiro@marcosribeiro.com.br

Instagram: [@educadormarcosribeiro](https://www.instagram.com/educadormarcosribeiro)

MATERIAL COMPLEMENTAR

GUIA PARA FAMÍLIAS

com orientações para leitura

de Menino brinca de boneca?

Sobre direitos iguais para meninos e meninas

COMEÇO DE CONVERSA

1.

POR QUE RESOLVI ESCREVER ESTE GUIA PARA VOCÊS?

Motivado com o objetivo de esclarecer algumas das muitas questões sobre este tema, proporcionar a reflexão e, principalmente, informar diante de tantas *fake news*, escrevi este **Guia** para orientar as famílias a partir da leitura do livro **Menino brinca de boneca? Sobre direitos iguais para meninos e meninas**.

É fundamental que tenhamos essa conversa com as crianças, para que cresçam tendo uma vivência afetiva, responsável, com respeito às diferenças e uma **EDUCAÇÃO EQUITATIVA**, quebrando o paradigma de que garotos devam ter mais direitos e oportunidades do que garotas. Pode parecer estranho pensar desse jeito em pleno século 21, mas, ainda hoje, algumas relações são construídas pautadas na desigualdade de gênero.

As crianças precisam receber uma educação autônoma progressiva, de acordo com a faixa etária, para que elas possam desenvolver habilidades de **PROTEÇÃO** em relação a si e ao outro, percebendo que são corresponsáveis pela construção desse conhecimento a respeito dos direitos iguais para todas as pessoas.

É esperado com a leitura de **Menino brinca de boneca?** que as famílias e as escolas possam educar suas crianças numa perspectiva **NÃO-SEXISTA**, que busca promover a igualdade entre meninos (homens) e meninas (mulheres) e que ambos tenham as mesmas oportunidades nos mais diferentes espaços de convivência, sem discriminação e preconceito.

Por outro lado, a educação sexista é a que distingue homens e mulheres (logo, meninos e meninas) e transformam essas diferenças em desigualdades. Isso acaba refletindo na autoestima, nos estudos, na convivência escolar, nos relacionamentos futuros, validando o argumento infundado de que homens merecem mais e são mais capazes do que mulheres. Assim, a educação dos meninos é construída com base numa masculinidade tóxica, com repercussões negativas que começam em casa, se estendem na escola e seguem com ele nas relações afetivas e profissionais.

DAÍ A IMPORTÂNCIA DO LIVRO MENINO BRINCA DE BONECA? PARA AS CRIANÇAS E DESTE GUIA PARA VOCÊ, FAMÍLIA.



IGUALDADE DE DIREITOS NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS

2.

É preciso compreender que, embora um dia essa desigualdade foi normalizada, nunca fez sentido (sobretudo hoje em dia) criar meninos e meninas sem os mesmos direitos e oportunidades. Meninos e meninas têm suas diferenças, mas isso não pode ser motivo para desigualdade.

O tratamento diferenciado que podemos encontrar nas conversas de algumas famílias, sobretudo quando se referem às meninas no diminutivo e aos meninos no aumentativo, ou o uso de palavras que distinguem as crianças entre fragilidade e força com base no gênero, reforçam essa problemática.

NASCEU MENINA?
É A PRINCESINHA!

NASCEU MENINO?
É O HERÓI!

Embora pareça inofensivo, este comportamento expressa expectativas em torno da personalidade das crianças em formação. Já estamos no século 21 há mais de 20 anos, e os brinquedos como "de menino" são os de montar, de desenvolver o raciocínio lógico e vinculados às áreas tecnológicas; os "de menina" são normalmente utensílios domésticos e bonecas imitando bebês.

Quando as crianças ouvem em casa que geralmente os homens são melhores nas ciências exatas e as mulheres, nas ciências humanas, não nos perguntamos quais foram as oportunidades que ambos tiveram na infância e que brinquedos e brincadeiras foram proporcionados por suas famílias.

Essa relação desigual começa desde cedo e é isso que precisamos mudar. Os tempos mudaram e cabe a nós não reproduzir estereótipos, que em nada contribuem e só reforçam essa situação.

A desigualdade de gênero a que me refiro pode ser encontrada em todos os lugares: nas atividades domésticas, no dia a dia da escola, no machismo que acaba resultando em diversos tipos de violência e no mercado de trabalho, que produz uma defasagem salarial mesmo que ambos exerçam a mesma função.

Sobre a questão do mercado de trabalho, a Síntese de Indicadores Sociais (SIS), divulgada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e que considerou a base de dados dos anos de 2012 a 2020, apontou que **MULHERES RECEBEM 22% A MENOS DO QUE OS HOMENS GANHAM.**

Também é muito comum ouvirmos de muitas famílias que homem não chora, que os serviços domésticos cabem à mulher e que brigar rua é coisa de homem! Reforçar a ideia de que os meninos devem ser agressivos, competitivos e nada emotivos, certamente é um "treinamento" muito ruim para formar adultos que acreditam que, pelo fato de serem homens, têm direitos sobre a mulher. Essa é, aliás, uma das raízes da violência contra a mulher.

Já educar as meninas para serem passivas, abaixarem a cabeça para o namorado ou marido ou serem carinhosas e boazinhas através da submissão é um caminho para formar mulheres inseguras, com dificuldade de dizer não, acreditando que o homem tem mais direitos que elas.

ESTÃO VENDO O QUE UMA EDUCAÇÃO SEXISTA PODE PRODUZIR?

Então, o que proponho após a leitura deste **Guia** e do trabalho em casa com o livro **Menino brinca de boneca?** é que vocês possam refletir sobre:



- **Educar as crianças com igualdade de direitos e deveres.** Meninos e meninas podem arrumar a mesa do almoço e dividir as tarefas domésticas, de acordo com a idade. Colocar a filha para arrumar a cama do irmãozinho, por ser mulher, não só é injusto como contribui para o reforço dessa desigualdade.



- **Dar mais autonomia aos garotos e vigiar mais as meninas significa que você está educando seu filho com mais vantagens.** Ambos devem ser educados para terem autonomia. Ser vigilante é um comportamento de proteção e zelo, portanto, que seja com os dois igualmente. É importante lembrar, inclusive, que a violência urbana pode atingir os dois, independente do sexo.



- **Aceitar a criança como ela é.** Não tente moldar seu comportamento como você gostaria que fosse. Caso faça isso, você causará frustração e crise em sua identidade.



GÊNERO: COLOCANDO OS PINGOS NOS "IS"

3.

O QUE É GÊNERO, DE QUE TANTO SE HOUVE FALAR?

Essa é uma conversa importante e não há espaço para *fake news*. De forma didática, gênero é a construção social de "ser homem" e de "ser mulher" de uma cultura. Isso porque cada país estabelece os padrões de "ser masculino" e "ser feminino".

Gênero é o conjunto de condutas esperadas de uma pessoa desde criança — na verdade, até mesmo antes de nascer —, a partir da expectativa das famílias, de acordo com o que a cultura em que está inserida estabelece como um comportamento masculino e feminino, o que inclui as roupas que veste, as atitudes, o jeito que se comporta etc. E tudo isso muda de uma cultura para outra e ao longo do tempo. Vejamos alguns exemplos:



- Em diferentes países podemos encontrar homens usando saias, cumprimentando outros homens com beijinhos ou mesmo andando de mãos dadas na rua, o que não é comum entre nós, aqui no Brasil.
- Sobre vestimentas femininas, enquanto é comum e aceito no mundo ocidental mulheres com roupas mais curtas, em outras culturas verifica-se o uso de roupas mais fechadas e a cabeça coberta, por exemplo com o *hijab*.
- Há algumas décadas, a mulher que usasse calça comprida não era "bem-vista". Hoje isso não é uma questão polêmica nem raridade.
- Também em um passado recente, ter brincos nas orelhas não era aceito nem considerado um adereço masculino, sendo hoje bastante comum.

Portanto, cada cultura estabelece o que é "coisa de homem" e "coisa de mulher". Na nossa cultura espera-se que o homem seja viril, forte, competitivo e que não demonstre suas emoções. Quem nunca ouviu alguém dizer que "homem que é homem não chora"? Por outro lado, das mulheres espera-se que sejam boazinhas, frágeis e responsáveis pelos afazeres domésticos.

QUANDO UMA MULHER ESTÁ EM UMA CONFRATERNIZAÇÃO COM AS AMIGAS, NÃO É COMUM FIGAREM PREOCUPADAS EM SABER SE O FILHO JANTOU, SE O UNIFORME DO COLÉGIO ESTÁ ORGANIZADO PARA O DIA SEGUINTE?

COM OS HOMENS ACONTECE O MESMO?

QUEM GERALMENTE FALTA NO TRABALHO PARA LEVAR AS CRIANÇAS À CONSULTA MÉDICA OU BUSCA DA ESCOLA SE ESTÁ DOENTE?

Essas situações não são problemáticas desde que não sejam vistas como atribuições exclusivamente femininas. A mulher não nasce com uma genética que a faça ter preferência por atividades domésticas, assim como o homem não nasce com aversão a elas. Em relação às características pessoais, ambos podem ser frágeis, fortes, competitivos, emotivos e chorões.

Independentemente do gênero, o mundo em que vivemos espera que mulheres e homens tenham qualidades como autonomia, independência, compreensão e sejam assertivos, produtivos, afetivos e que possam desenvolver um autoconceito positivo de si mesmo e respeito ao outro em suas diferenças.

Os estudos de gênero partem da constatação de que todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos, como diz a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948. Ela é reforçada em diversos outros documentos e leis, como a Convenção Americana sobre os Direitos Humanos e a Constituição Federal Brasileira, que diz em seu quinto artigo: "Todos são iguais perante a lei".

A ideia que embasa esses documentos é a de que, para além das diferenças biológicas que definem sua cor de pele, seu sexo, sua estatura, suas características físicas, sensoriais ou intelectuais, todas as pessoas devem ter os **MESMOS DIREITOS** assegurados.

"GÊNERO NÃO É CONVERSA PARA CRIANÇA", DIZEM ALGUNS!

Esse tema é para ser discutido por todas as pessoas, em todos os lugares. Em casa, em conversa com as famílias e, na escola, pelos professores e alunos, com conteúdos específicos para cada idade e ano escolar. Estamos falando da construção da nossa identidade – de homens e mulheres – e como a cultura nos vê. Portanto, esse tema se relaciona ao desenvolvimento físico, afetivo, social e cognitivo de todas as pessoas.

No entanto, se vocês têm outra ideia a respeito, como "falar sobre gênero é fazer o menino ser menina e menina ser menino", é preciso rever seus julgamentos, porque estão equivocados. Infelizmente, centenas de *fake news* invadiram nossas redes sociais nos últimos anos, fazendo com que muitos construam seus discursos reproduzindo conceitos errados como verdade absoluta.

NÃO É VERDADE!

- Falar sobre gênero não "incentiva" a homossexualidade.
- Falar sobre gênero não é propor a cirurgia de redesignação sexual, conhecida como "cirurgia de mudança de sexo".
- Falar sobre gênero não é incentivar os meninos a usarem a cor rosa e as meninas a cor azul.

É muito importante entender que **PARA OPINAR É PRECISO SE INFORMAR**. Esta é inclusive uma forma segura de ajudar os(as) filho(as) a não seguir informações infundadas, que só trazem prejuízo.

Abordar este tema na educação das crianças é educá-las para entender as diferenças culturais e que nem sempre as pessoas vão ser iguais à sua família; que a cor da roupa não define a sexualidade; que os **DIREITOS PRECISAM SER IGUAIS**, independente do gênero; que cada pessoa tem um jeito e deve ser respeitada.

A identidade de uma pessoa é composta por sua personalidade, sexualidade e jeito de ser. Assim, a identidade pessoal ou de gênero é a percepção interna que cada um tem de si. Este é um aspecto básico do desenvolvimento da personalidade de cada pessoa.

Ao nascer, a criança recebe o seu sexo de nascimento — homem ou mulher — baseado no órgão sexual, a que chamamos de sexo biológico. Em seguida, segundo as leis do país, tira a certidão de nascimento, seu registro no cartório. A esse processo chamamos de sexo legal (sexo de registro). A partir daí os responsáveis pela criação serão os primeiros influenciadores, a que chamamos de sexo de criação, neste caso, baseado no sexo legal.

Essa informação é importante neste **Guia** para vocês perceberem que a sexualidade de uma pessoa é complexa, mas simples de entender, desde que baseado numa fundamentação científica. Portanto, cuidado com o que lê ou ouve. Redes sociais, grupos de WhatsApp não são, necessariamente, os melhores lugares para você se informar.

Não há como impor uma orientação (ou atração) sexual — seja heterossexual, homossexual e bissexual — para as crianças nem para adultos, seja em que idade for. É bobagem acreditar que a atração sexual de alguém pode ser mudada, no caso das crianças, se meninos brincarem de bonecas e meninas de carrinho. Como vimos aqui e no livro, para as crianças essas brincadeiras trazem um outro aprendizado.

4. VIOLÊNCIA DE GÊNERO

4.

A igualdade a que nos referimos e propomos é a base para o combate da violência sexual infantojuvenil e doméstica. Muitos de vocês podem achar pesado conversar sobre isso com as crianças, eu entendo, mas de forma adequada e de acordo com a idade e o ano escolar, é importante e necessário iniciar esse diálogo de forma bem simples e didática, sem aprofundar o assunto.

5. AS BRINCADEIRAS DE MENINOS E MENINAS

5.

Brincar com boneca pode ser um aprendizado importante, como um treinamento mesmo, para que os meninos que queiram ser pais no futuro o sejam de forma cuidadosa, dividindo as tarefas na criação dos filhos, além de ser uma brincadeira prazerosa. Do mesmo modo, meninas que se interessam por carrinhos ou batem um bolão, incentivadas, por exemplo, pela genialidade da jogadora Marta, não perdem sua identidade de gênero por isso.

A questão aqui não são as preferências pessoais, mas a crença de que exista uma separação de brinquedos e brincadeiras com base no gênero. É importante entendermos que as crianças estão numa fase de conhecer, descobrir, brincar, experimentar e, neste sentido, a casa e os brinquedos fazem parte das fantasias e descobertas. Este é só mais um aprendizado, sem implicações na identidade ou antecipação de alguma fase da sexualidade da criança.

NÃO ESQUEÇA DE RESSALTAR QUE NEM TODAS AS RELAÇÕES SÃO ASSIM, PARA NÃO TRANSFORMARMOS A SEXUALIDADE E AS RELAÇÕES DE GÊNERO COMO SINÔNIMOS DE VIOLÊNCIA.

UMA DICA PARA AJUDÁ-LOS NA ESCOLHA DOS BRINQUEDOS:

PARA BRINCAR PRECISA USAR OS ÓRGÃOS GENITAIS?



Diante do que estamos vendo nesse **Guia**, é fundamental repensarmos a educação que temos dado aos meninos, transformando-os, mais tarde, em homens com uma masculinidade tóxica, que não respeitam as mulheres e não se veem no direito de expressar seus sentimentos. É claro que isso tudo pode trazer transtornos psíquicos sérios na vida adulta.

Ouvir "engole o choro" faz com que as suas emoções sejam represadas, o que certamente

não é bom para a saúde física e mental. Do mesmo jeito, ouvir "se der mole... passa o rodo!" faz com o garoto cresça com a ideia de que a mulher está disponível e que, por ser homem, tem total domínio sobre ela e suas vontades.

Se é de pequeno que se torce o pepino, como reprimenda aos atos reprováveis, é também de criança que se aprende sobre a igualdade de direitos, respeito às mulheres e às diferenças, para o combate a todas as formas de preconceito.

O QUE PODEMOS ENSIÑAR:

- **Que o choro não é sinal de fraqueza.** O choro é uma forma de todas as pessoas — homens e mulheres — expressarem suas emoções, seus sentimentos.
- **A ter contato com bons exemplos.** O contato com figuras masculinas que não fazem chacota das mulheres, que dividem as tarefas de casa e que cooperam para o fim da violência doméstica e de gênero são bons exemplos a serem seguidos.
- **Respeitar às mulheres.** Respeitar as colegas, professoras, mulheres da família e todas as outras, conhecidas ou não.



"Fecha as pernas, você já é uma mocinha!" Dessa forma, a educação das meninas baseia-se na ideia de que devem ser comportadas, emotivas e nada briguentas, afinal, "isso é coisa de menino!". Mas nessa construção se esquecem de **EMPODERAR AS MENINAS**, incentivá-las a buscar seus direitos, orientar que o estudo é um caminho para uma autonomia futura e de que a casa pertence a todos, ou seja, as atividades domésticas devem ser compartilhadas.

Em 2014, a organização Plan Brasil realizou uma pesquisa com 1.771 meninas das cinco regiões do Brasil, na faixa etária de **6 A 14 ANOS**. O resultado, ainda atual diante da realidade que nos cerca, mostra que a desigualdade começa dentro de casa, com uma educação que favorece os meninos em detrimento das meninas. Enquanto **81,4%** das meninas arrumam sua própria cama, apenas **11,6%** dos

meninos o fazem. Outras atividades com diferenças discrepantes são cozinhar (**41%** das meninas, **11,4%** dos meninos), limpar a casa (**65,6%** das meninas e **11,4%** dos meninos) e lavar louça (**76,8%** das meninas e **12,5%** dos meninos).

Uma menina que precisa arrumar a casa e lavar a louça antes de ir para escola e preparar o almoço e cuidar dos irmãos menores ao chegar está assumindo um papel que não lhe cabe, trazendo muitas consequências, como a falta de tempo para estudar ou até evasão escolar.

Não podemos "naturalizar" esta situação dizendo que "sempre foi assim", como justificativa para essa educação sexista, atribuindo à mulher o cuidado com os filhos, os afazeres domésticos e as atividades menos tecnológicas. Se aprendemos de um jeito, podemos reaprender de outro.

O que podemos ensinar:

- **Que é importante buscar os próprios direitos.** Meninas têm o direito de se expressar e ter tratamento igualitário nos diferentes espaços, sem discriminação de gênero. Os direitos são iguais e as meninas devem ter as mesmas oportunidades que os meninos.
- **Empoderamento.** Milhares de meninas no Brasil são educadas a pensar que "são menos que os meninos" e, por isso, se conformam com a falta de oportunidades iguais e nem lutam para serem ouvidas. Trabalhar o empoderamento é muito importante nesse contexto de vulnerabilidade.
- **A dividir as atividades domésticas.** Todas as pessoas devem assumir o compromisso de cuidar da casa e preservar a sua limpeza. Nesse sentido, a divisão dos serviços domésticos cabe a quem mora na residência, independente do gênero. Para as crianças, tarefas adequadas à sua idade devem ser divididas igualmente entre meninos e meninas.

8.

VÍDEOS

Proponho que assistam, finalizando este **Guia** e após a leitura de **Menino brinca de boneca?**, a esses dois vídeos, juntos com crianças:

Desigualdade de gênero no olhar das crianças



<https://mod.lk/desigen>
Acesso em: maio 2023

Turma da Mônica em "Juntos pela Igualdade"



<https://mod.lk/monicaig>
Acesso em: maio 2023

AGORA, É
COMEÇAR ESSA
CONVERSA
EM CASA!

